

NELSON
RODRIGUES

A COROA DE ORQUÍDEAS

e outros contos de
A VIDA COMO ELA É...



COMPANHIA DAS LETRAS



COLEÇÃO DAS OBRAS DE NELSON RODRIGUES
Coordenação de Ruy Castro

1. *O casamento (romance)*
2. *A vida como ela é... O homem fiel e outros contos*
3. *O óbvio ululante: primeiras confissões (crônicas)*
4. *À sombra das chuteiras imortais (crônicas de futebol)*
5. *A coroa de orquídeas e outros contos de A vida como ela é...*



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

A edição das obras de Nelson Rodrigues
conta com o apoio da Unicamp

NELSON RODRIGUES

A COROA DE ORQUÍDEAS

e outros contos de
A VIDA COMO ELA É...

Seleção:
RUY CASTRO

1ª reimpressão



Copyright © 1993 by
Espólio de Nelson Falcão Rodrigues

Capa:
João Baptista da Costa Aguiar

Preparação:
Marcia Copola

Revisão:
Marcos Luiz Fernandes
Carmen S. da Costa

Agradecemos a Sérgio Machado
e a José Lino Grünewald
a gentileza da cessão de material
incluído neste livro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rodrigues, Nelson, 1912-1980.

A coroa de orquídeas e outros contos de A vida
como ela é... / Nelson Rodrigues; seleção de Ruy
Castro. — São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ISBN 85-7164-334-2

1. Contos brasileiros I. Castro, Ruy. II. Título.

93-2212

CDD-869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Século 20 : Literatura brasileira 869.935
2. Século 20 : Contos : Literatura brasileira 869-935

1993

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Tupi, 522
01233-000 — São Paulo — SP
Telefone: (011) 826-1822
Fax: (011) 826-5523

CONTRA CAPA

Elas começam como comédias — e terminam como tragédias. Essa é a linha das cinquenta histórias de *A coroa de orquídeas*, a segunda antologia da série *A vida como ela é...*, de Nelson Rodrigues, e tão sensacional quanto a primeira. Durante dez anos, de 1952 a 1962, Nelson escreveu diariamente uma história de *A vida como ela é...* para o jornal *Última Hora*, do Rio. Republicadas nas diversas edições regionais do jornal, descobriu-se que esse autor tão carioca, embora pernambucano de origem, era o mais universal dos escritores brasileiros. As histórias de *A coroa de orquídeas* só incidentalmente se passam num Rio dos anos 50, no tempo em que ali ficava o Distrito Federal, em que os carros eram Buicks, Cadillacs e os primeiros Fuscas — e em que os encontros amorosos sempre terminavam em paixão e sangue. Na verdade, elas se passam naqueles dois únicos territórios que não conhecem lugar ou época: os corpos e almas de seus protagonistas.

Seleção de Ruy Castro

ORELHAS DO LIVRO

Para todos os efeitos, Nelson Rodrigues é considerado o nosso maior autor teatral. Entenda-se, por autor teatral, aquele que produz textos para o teatro, ou seja, o palco propriamente dito. Há também o Nelson Rodrigues cronista, memorialista e romancista de um só romance, desde que se despreze as obras publicadas sob pseudônimo. Neste universo de produção literária, onde se enquadra a série de *A vida como ela é...* — da qual *A coroa de orquídeas* faz parte —, responsável por sua popularidade mais devastadora?

Como textos publicados em jornal, poderiam ser contos ou crônicas. Vou além: é o teatro de Nelson Rodrigues que aqui encontramos, abstraída a materialidade do palco. O teatro de Nelson invade aqui o texto do jornal: o cenário dessas pequenas cenas é sempre o mesmo: a casa com portão, a rua, a vizinha. Os personagens moram na Zona Norte e pecam na Zona Sul. Trabalham em edifícios, no centro. Este

cenário não muda. Como nos filmes primitivos de Chaplin, é sempre o mesmo. Além do cenário, há o diálogo, que é o mesmo que Nelson sempre empregou em seus textos explicitamente teatrais. E — vantagem das vantagens — na série de *A vida como ela é...* temos acesso às rubricas que, nos textos para o teatro formal, são confiscadas pelos produtores, diretores e atores. Essas marcações, que o espectador perde no teatro e só chega a elas através da manipulação alheia, nesse teatro impresso cada detalhe nos chega com toda a sua frescura, sua luminosidade brutal e instantânea. O leitor é admitido ao fundo mais profundo do texto rodrigueano, sem necessidade de passar pela *leitura* de outros que dará ou não dará a cada cena o impacto visual-literário pretendido pelo autor. Essas marcações são os *punti luminosi* de uma obra vasta e cada vez mais penetrante no subsolo de nossa cultura, de nosso modo de caminhar pela vida como ela é.

Carlos Heitor Cony



Nelson Rodrigues nasceu no Recife, PE, em 1912, e morreu no Rio, em 1980. Dele, a Companhia das Letras já publicou: *O casamento* (romance), *A vida como ela é...* — *O homem fiel e outros contos*, *O óbvio ululante: primeiras confissões* (crônicas), *A sombra das chuteiras imortais* (crônicas de futebol) e este *A coroa de orquídeas* — e outros contos de *A vida como ela é...* Próximo lançamento: *A menina sem estrela* (memórias). A editora lançou também *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*, por Ruy Castro.

ÍNDICE

<i>A COROA DE ORQUÍDEAS,</i>	9
<i>UM CASO PERDIDO,</i>	15
<i>QUEM MORRE DESCANSA,</i>	21
<i>ESCORPIÃO DE BANHEIRO,</i>	27
<i>A INOCENTE,</i>	32
<i>DESASTRE DE TREM,</i>	38
<i>O PASTELZINHO,</i>	44
<i>DIVINA COMÉDIA,</i>	49
<i>MULHERES,</i>	54
<i>HUMILHAÇÃO DE HOMEM,</i>	60
<i>TOQUINHOS DE BRAÇOS,</i>	65
<i>BANHO DE CLEÓPATRA,</i>	71
<i>O INFERNO,</i>	75
<i>ASSASSINO,</i>	81
<i>O RAFFLES,</i>	86
<i>UM CADILLAC POR UM BEIJO,</i>	91
<i>GRANDE PEQUENA,</i>	96
<i>O GRANDE VIÚVO,</i>	101
<i>FOME DE BEIJOS,</i>	106
<i>A MULHER DAS BOFETADAS,</i>	111
<i>O SACRILÉGIO,</i>	115
<i>AMIGO DE INFÂNCIA,</i>	121
<i>JUSTO PELO PECADOR,</i>	126
<i>ESPOSA BEM TRATADA,</i>	131
<i>PAI POR UM CHEQUE,</i>	135
<i>DIABÓLICA,</i>	140

VINTE E CINCO ANOS DE CASADOS, 145
A ETERNA DESCONHECIDA, 150
NAMORADA CAOLHA, 155
PACTO DE PECADO E DE MORTE, 159
O DESGRAÇADO, 163
RAINHA DE SABÁ, 167
O PRIMEIRO PECADO, 173
CANSADA DE SER FRIA, 178
O DILEMA, 182
ÚNICO BEIJO, 187
O PROFESSOR BONITO, 192
DOENTE DO PULMÃO, 197
A FRALDINHA AMEAÇADORA, 202
A GRINALDA, 208
VIÚVA ALEGRE, 213
CHICO-BÓIA, 218
MARGARIDA, 223
VENENO, 228
MORRER COMO UM CÃO, 234
O PIRRALHO, 240
TRAÍDO POR SER BOM, 246
UM MISERÁVEL, 251
A MORTA, 257
POUCO AMOR NÃO É AMOR, 262

A COROA DE ORQUÍDEAS

Quando a mulher entrou em agonia, ele caiu em crise. Atirou-se em cima da cama, aos soluços. Foi agarrado, arrastado. Debatia-se nos braços dos parentes e vizinhos; esperneava. E houve um momento em que, no seu desvario de quase viúvo, cravou os dentes numa das mãos próximas. A vítima uivou:

— Ui!

Então, na sala, cercado e contido, chorou alto, chorou forte. Seu gemido grosso atravessava o espaço e era ouvido no fim da rua. Enquanto isso, o amigo mordido, na cozinha, exibia a mão: “Tirou um naco de carne!”. Alguém perguntou baixo, com admiração: “Mas os dentes dele não são postiços?”. Eram. E, em torno, houve um espanto profundo. Ninguém compreendia que um indivíduo que usava na boca uma chapa dupla pudesse morder com tanta ferocidade e resultado. E, súbito, veio espavorido lá de dentro um irmão da moribunda. Pousou a mão no ombro do Juventino. Pigarreia e soluça:

— Morreu.

Várias pessoas espichavam o pescoço para ver as reações. Primeiro, Juventino levantou-se, esbugalhando os olhos. Depois que assimilou o fato, desprendeceu-se de vários braços, num repelão. Dava socos no próprio peito e estrebuchava:

— Me dêem um revólver! Quero meter uma bala na cabeça!

DOR AUTÊNTICA

Essa dor agressiva e autêntica arrepiava. E havia, disseminado no ar, o medo de que o infeliz ferrasse os dentes em alguma mão ainda

intacta. Durou o paroxismo de dez a quinze minutos. Por fim, a própria exaustão física serviu de sedativo. Gemia baixo. Mas, quando o sogro o convocou para ver a esposa, recuou como diante de uma blasfêmia. Num tremor de maleita, rilhando os dentes, soluçou:

— Não vou! Não quero!

Era a sua antiga e irredutível pusilanimidade diante da morte. Desde criança tinha medo de qualquer defunto, fosse conhecido ou desconhecido, parente próximo ou remoto. A idéia de ver a mulher morta o arrepiava. Defendia-se: “Não!”. E corrigiu: “Agora, não!”. Com o coração disparado, não pôde evitar a seguinte e quase irreverente reflexão: “Por que não pintam os cadáveres?”. Perguntaram:

— O enterro vai sair daqui?

Virou-se:

— Claro!

Um dos vizinhos, o mesmo que fora mordido na mão, vacila e sugere:

— Não será mais negócio capelinha?

— Por quê?

E o outro, alvar:

— É mais prático. Mais cômodo.

Então, o viúvo exaltou-se. Enfiou o dedo na cara do vizinho:

— Considero um desaforo essa mania de capelinha! É uma falta de respeito! Ora veja!

SAUDADE

Um vizinho e um cunhado partiram, de táxi, para tratar do atestado de óbito e do enterro. Então, andando de um lado para o outro, numa excitação de possesso, Juventino surpreendeu e confundiu os presentes com uma série de confidências, legítimas umas, extravagantes outras. Na sua euforia retrospectiva, deblaterava:

— Nunca houve marido tão feliz como eu! Duvido!

Elogiou a mulher de alto a baixo, chamou-a de “anjo dos anjos”, “flor das flores”. E, súbito, diante dos vizinhos atônitos e maravilhados, baixa a voz:

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

